

A CIDADE DE ANTIOQUIA E A FORMAÇÃO DA RELIGIÃO CRISTÃ: UMA RELAÇÃO INTRÍNSECA

Lucas Gesta Palmares Munhoz de Paiva¹

Resumo: A cidade de Antioquia e o cristianismo nascente sempre tiveram uma relação intrínseca. Porém, em boa parte dos livros e produções literárias ocidentais, pouco se fala de Antioquia e, em geral, da Síria, como locais de fundamental importância, ou ainda, locais de expansão cristã por excelência. Quando se discute o cristianismo no primeiro século, observamos, com grande recorrência, serem citadas Jerusalém, Roma, algumas cidades às quais o apóstolo Paulo endereçou suas epístolas ou até algumas das cidades presentes nos escritos de Apocalipse. O papel de Antioquia passa, muitas vezes, despercebido. Integrar ao conhecimento cristão ocidental os locais de origem e expansão por excelência do cristianismo é um grande desafio historiográfico. É superar séculos de “europeocentrismo”, de distorções, omissões, às vezes inconscientes ou não da real história que cerca a formação da religião cristã. Nossa história cristã ocidental carece profundamente de informações sobre o cristianismo no Oriente. E isto parece ser contraditório, pois a religião cristã, assim como Jesus, seus apóstolos, os livros escritos no Novo Testamento e os personagens que participaram de sua formação, todos são orientais. O cristianismo é uma religião vinda do Oriente, e como tal, precisa assim ser redescoberta por nós aqui no Ocidente. Assim, esta comunicação pretende abordar os principais aspectos da formação do cristianismo em Antioquia no século I, fazendo um corte temporal entre as décadas de 30 a 60 d.C., período narrado no livro dos Atos, de autoria de Lucas. Analisaremos como fonte, basicamente, a documentação extraída do cânon bíblico, sobretudo do mesmo livro de Atos e das cartas paulinas.

Palavras-chave: Antioquia. Cristianismo. Evangelização.

Introdução

Antioquia era a capital da província da Síria ocidental. Foi fundada em 300 a.C. por Selêuco I, general de Alexandre Magno, que, após a morte de seu líder, participou da divisão do Império macedônico, iniciando a dinastia monárquica dos selêucidas. Este conquistou boa parte do Império a leste, e em 301 a.C., derrotou Antígono, tornando-se senhor da Síria. Na Antiguidade, Antioquia foi uma grande e importante cidade por causa de sua localização geográfica próxima das principais rotas de comércio que ligavam o Oriente ao Ocidente (se localizava na extremidade ocidental da Rota da Seda). Era cosmopolita por excelência e um elo vital no comércio internacional. O uso de tropas mercenárias pelos reis selêucidas trouxe para a cidade homens de todas as nacionalidades (TENNEY, 2012, p.234). Pela sua importância comercial, era habitada por etnias de todas as partes do Globo, não só de comerciantes, mas

1 Mestre em História Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Professor de História da Igreja da FAECAD (Faculdade Evangélica de Tecnologia, Ciências e Biotecnologia); Professor de História da Igreja Antiga da Pós-graduação em História da Igreja e Exegese do Novo Testamento da FAECAD. E_mail: prof.lucaspaiva@yahoo.com.br.

também de imigrantes que buscavam em seus muros a prosperidade e a sobrevivência; sua localização era estratégica sobre as rotas das caravanas do norte, sul, leste e oeste. Em seu auge, chegou a ter cerca de 200 mil habitantes, uma grande quantidade para a época. A presença de cerâmica proveniente da China atesta a presença estrangeira do lugar (IRVIN; SUNQUIST, 2004, p.37). Além disso, Roma a considerava um posto estratégico essencial para suas campanhas militares contra os partos, assim como importante também para o controle da Armênia e da Arábia (IRVIN; SUNQUIST, 2004, p.37). Nas pesquisas arqueológicas, observamos que em Antioquia se integravam seis grandes estradas romanas. Todas estas rotas, que eram as mais movimentadas que ligavam as cidades jônicas, o interior da Ásia Menor, do Egito, da Palestina no sul, da China, Índia e Arábia, afluíam para lá; assim, em número de convergência de estradas só era inferior, em todo o império romano, à própria cidade de Roma (TENNEY, 2012, p.234). Antioquia era, depois de Roma e Alexandria, a terceira mais importante cidade do Império Romano (KAUFMANN, 2012, p.19). Tudo isso levou a ser chamada de “a rainha do Oriente” (THOMPSON, 2007, p.1507).

A comunidade judaica também possuía expressiva importância na cidade. Sua presença remonta à fundação da cidade, durante a dispersão. No século I d.C., os judeus eram encontrados aos milhares por toda a cidade. Estima-se que sua população variava entre 45 a 60 mil (KAUFMANN, 2012, p.19). Logo, entre o judaísmo da dispersão, Antioquia era uma cidade importante, não só como lar para de milhares de judeus, mas como local de trabalho, prosperidade e ponto de encontro com judeus de todas as partes. Ali, eles poderiam viver e trabalhar desfrutando de certa paz e conforto. Os judeus haviam conquistado importantes direitos como o de reunir-se, o direito de observar os sábados e o de enviar o imposto ao Templo de Jerusalém. Atraíam também muitos “gentios”, levando-os a se converter; ou seja, já comunidade judaica ali assumia uma posição proselitista clara (KAUFMANN, 2012, p.20). Uma exceção a isto se deu, documentadamente, apenas no terceiro ano do reinado de Calígula. Neste ano, um tumulto de origem política levou a desordens em toda a cidade e também a uma explosão de antissemitismo. Judeus foram massacrados e sinagogas foram queimadas. Não se sabe a causa de os judeus terem sofrido tão dura violência. Alguns atribuem a distúrbios causados exatamente pela pregação cristã, mas o historiador Flávio Josefo já afirmava que durante o primeiro século os judeus eram tão numerosos como malquistos (TENNEY, 2012, p. 238).

Apesar disto, a comunidade judaica já estava há séculos arraigada na cidade e absorvida pela cultura e sociedade síria da região. Boa parte falava o grego, desfrutava de uma situação econômica privilegiada e possivelmente contribuía para a expansão do judaísmo em outras

regiões. Já possuía a prática do proselitismo e conseguia alcançar sucesso na sua propaganda de conversão entre os considerados gentios. Assim, aquela comunidade judaica antioquena, que mais tarde será alcançada pelos evangelistas cristãos já vivia um ambiente de mescla cultural e aceitação do gentio, bem como experimentava a propagação de sua religião e possuía condições financeiras para manter possíveis evangelistas.

A formação do cristianismo em Antioquia: o relato neotestamentário

Pela importância de Antioquia dentro do judaísmo, já podemos compreender o seu peso para a primeira expansão cristã. O cristianismo inicialmente se expande entre judeus conversos que começaram a ter contato com a pregação cristã desde o ministério do próprio Cristo, o qual enviou 70 discípulos (além dos doze apóstolos) para pregarem por toda a palestina sua mensagem da vinda do “Reino de Deus”. Não sabemos, nesse período, qual o alcance total da pregação destas pessoas e nem se somente alcançaram os judeus, ou também os gentios. Nos Evangelhos vemos indícios de não judeus que ouviram a mensagem de Jesus e vieram até Ele para serem curados ou buscarem a cura e libertação para seus familiares. De qualquer forma, observamos nos relatos lucanos de Atos dos Apóstolos que existia, entre a primeira geração de conversos, a ideia de que a mensagem da salvação de Cristo era apenas para o povo judeu. Isto provocou grande controvérsia entre os primeiros seguidores de Cristo gerando o dilema se deveriam ou não pregar aos gentios, tendo sido Pedro o primeiro dos apóstolos a realizar tal ato e trazer a ideia para a liderança do movimento cristão em Jerusalém. Assim, no livro bíblico dos Atos dos Apóstolos, no capítulo 11, versículo 19, fala-se pela primeira vez da pregação na cidade de Antioquia, e que esta palavra era anunciada somente aos judeus.

Considerando a grande concentração de judeus naquela cidade e a importância da comunidade semítica lá, percebe-se grande vulto ao evangelho ser pregado nas sinagogas e aos judeus antioquenos. Porém, ao contrário, Antioquia se destacou não somente pelo crescimento do cristianismo entre judeus conversos, mas por gentios conversos. No versículo seguinte, em Atos 11:20, observa-se que alguns que foram dispersos - pela perseguição que sobreveio à comunidade cristã desde o martírio do diácono Estevão -, que eram originários de Chipre e de Cirene, pregaram também aos gregos antioquenos e muitos destes se converteram. Porém, a chave para se entender essa expansão do Evangelho entre os não judeus antioquenos está exatamente na origem destes “dispersos” pela perseguição em Jerusalém.

Deve-se ressaltar que já neste período a comunidade cristã se dividia claramente entre o grupo dos “hebreus” e dos “helenistas”. Os “hebreus”, como são referidos em Atos 6:1,

eram judeus originários de Jerusalém e, portanto, seguidores dos usos e costumes hebraicos arraigadamente, de fala aramaica. Os “helenistas” eram judeus provenientes de diversas partes do Império Romano que se distinguiam por serem cosmopolitas, por falarem o grego (e talvez tivessem esquecido o aramaico), e também por não seguirem à risca as tradições hebraicas, assim se assemelhando pouco aos judeus de Jerusalém (Atos 6). Isto causou certa discriminação no seio da comunidade, principalmente porque as viúvas e órfãos destes judeus “helenistas” eram desprezados na obra caritativa realizada pelos cristãos em Jerusalém. Para resolver o problema, o grupo dos “Doze” (a liderança apostólica do núcleo aramaico) levantou sete homens dentre a comunidade que pudessem servi-la de forma igualitária e se responsabilizassem pela assistência social. Contudo, estes sete homens pertenciam, como vemos em seus nomes, ao ambiente dos helenistas. Como cita Martin Ebner: “Se os Doze simbolizam Israel reunido em suas doze tribos no final dos tempos, os Sete atuam em analogia aos frutos diretos das comunidades judaicas da diáspora. [...]” (EBNER, 2012, p.12). Essas comunidades faziam parte das sinagogas em Jerusalém especialmente destinada para os judeus da diáspora que um dia para lá regressavam. Eram centros de assistência para os novos na região, que procurava os adaptar ao ambiente, língua e costumes.

O que se percebe é que este grupo de judeus “helenistas” distinguiam-se claramente dos judeus de Jerusalém, não só por causa de seus costumes, língua, cultura e feições étnicas (pois provavelmente eram filhos de judeus que se misturaram com outros povos), mas também teologicamente. E o primeiro ponto que se pode identificar desta teologia diversa era a não dependência do Templo como local de culto principal. O Templo de Jerusalém era o centro político, cultural, econômico e religioso dos “hebreus”. Era o centro nervoso que guiava toda a sociedade judaica na Judeia. Tudo convergia para este local, considerado sagrado pela Torá e venerado por todos os judeus. Para lá, anualmente, vinham caravanas de todas as partes do mundo para oferecer sacrifícios, celebrar as festas e rememorar a herança religiosa dos judeus dispersos pelo mundo. Porém, essa ligação ou veneração diretamente com o Templo era muito mais forte entre os judeus que viviam na região e entre aqueles que tinham condições de viajar até ele anualmente. O que dizer daqueles dispersos por todo o mundo que sequer veriam o Templo alguma vez na vida, ou que já se habituaram a viver sem este símbolo, substituindo-o por outros (como as sinagogas)? Podemos imaginar que entre aqueles distantes de Jerusalém e do Templo, a dependência ou a própria valorização deste último como centro do culto era bem menor, ou nula; toda religião se faz não apenas de teologia, mas de locais referenciais de culto, que os judeus na dispersão poderiam substituir dada a sua distância da Palestina.

Estes judeus “helenistas” que ali estavam propunham uma “nova teologia” encontrada nas palavras de Estevão, um daqueles primeiros diáconos instituídos pelos apóstolos para realizarem a obra social. Nos relatos do livro de Atos vemos que Estevão foi levado ao martírio por se pronunciar contra o “lugar santo”. Seu discurso perante os partidos judaicos se voltava completamente contra o Templo baseado nas palavras de Jesus o qual disse que derrubaria aquele lugar e em três dias o reergueria (Mateus 26:61; 27:40; Marcos 14:58; 15:29; João 2:19-20). Este discurso representava um insulto, ou ainda, um ataque altamente perigoso para aquela sociedade, o que levou Estevão a ser apedrejado, bem como despertou grande perseguição contra a “igreja” em Jerusalém. Porém, isto que Lucas chama de “igreja” em Jerusalém é um tanto problemático, visto que o mesmo autor cita que “todos” foram dispersos pelas regiões da Judeia e Samaria, exceto os apóstolos (Atos 8:1). Alguns historiadores pensam que os apóstolos não foram perseguidos, talvez, por não terem a mesma posição em relação ao Templo do que Estevão. Outros apontam que Lucas apresenta uma tendência a utilizar a palavra “todos” ao invés de “muitos” que seria mais recomendável. Outros ainda percebem que os apóstolos foram poupados pela sua posição de importância e respeito diante dos milagres que faziam e do carisma entre o povo, ou ainda que permaneceram lá como uma firme resistência ainda que pudesse levá-los a morte (GIANASTACIO, 2006, p.58-59). Porém, o que segue no relato de Atos é o aparecimento apenas do grupo dos “helenistas” como dispersos ou pregando em outras regiões. Qual seja a teoria mais aceita de quem realmente permaneceu em Jerusalém e sua razão, pode-se observar que são exatamente os helenistas, com sua cultura mais porosa e teologia diferenciada, que levam a cabo o progresso da evangelização nas regiões mais distantes, sem que pudessem, provavelmente, sentir o peso da distância de Jerusalém ou de viver em regiões predominantes não judaicas. Como vieram de fora, muito bem se adaptavam a essa realidade.

O segundo ponto que marca uma diferença teológica fundamental é a questão da substituição da circuncisão pelo batismo cristão. Após a morte de Estevão e essa primeira dispersão do grupo que Lucas chama de “igreja”, sua narrativa passa à figura de Felipe, um dos principais do grupo dos Sete. Este passa a exercer sua pregação nas regiões periféricas de Jerusalém, a partir de Samaria. Porém, o relato de Atos 8: 26-40 diz que ele foi impelido para Gaza e ali evangelizou um alto oficial da rainha etíope, que era eunuco, provavelmente um prosélito do judaísmo. Os eunucos, dada a sua situação física, eram excluídos da prática da circuncisão e, assim, eram um grupo discriminado entre os hebreus (EBNER, 2012, p.17). No entanto, Felipe evangelizou este homem e num ato simples, batizou-o ingressando-o ao “povo de Deus”, sem a necessidade da circuncisão. Logo, Felipe se torna, documentadamente, o

primeiro judeu a substituir o ritual iniciático hebraico pelo o de uma nova religião: o batismo cristão como consequência do arrependimento dos pecados.

Assim, o grupo dos Sete inaugura uma nova etapa da formação do que chamamos hoje de religião cristã. E isto com o diferencial de serem um grupo acostumado ao ambiente cosmopolita helênico, assim com maior facilidade para evangelizar durante as viagens, pregar em grego e se juntar a outras culturas; em segundo lugar rompendo com a tradição crucial hebraica do Templo e da Circuncisão, propunham uma nova religião em que o convertido não precisasse se voltar primeiro ao judaísmo assim ficando preso a um espaço geográfico e étnico – discriminado por centenas de povos - (Jerusalém e o Templo), e muito menos participar de um rito iniciatório cruento como a circuncisão, simplesmente substituído pelo batismo. Para uma religião nova e de caráter missionário nada seria mais positivo.

É a partir daí que o cristianismo em Antioquia começa a tomar vulto. Ao mesmo tempo em que estes discípulos helênicos estão convertendo gentios na região de Antioquia, Pedro teve a sua experiência extática em que aceitou que Cristo veio para salvar os gentios (Atos 10: 9-16), e levou isto à liderança da comunidade cristã a qual aceitou os gentios como aptos também a receber a Salvação (Atos 11: 1-18). Quando a liderança cristã em Jerusalém soube da pregação entre os antioquenos, rapidamente enviaram Barnabé – um dos mais importantes missionários das primeiras décadas do cristianismo – até lá e este, pelos seus dons carismáticos e proféticos, pregou e converteu muitos outros (Atos 11:22-24). Cabe lembrar que Barnabé era também proveniente de Chipre, assim como os outros “helenistas”, e fora mandado para lá, exatamente pela sua familiaridade ao ambiente pagão na evangelização. Barnabé havia sido o primeiro a acolher Paulo em Jerusalém e o apresentar ao grupo dos “hebreus” (Atos 9: 27-28). Assim, rapidamente, Barnabé buscou Paulo, em Tarso, e o levou à Antioquia. Ali os dois começaram um importante e frutífero trabalho de evangelização entre gentios e judeus (Atos 11 25-26).

Ou seja, o que o relato lucano nos deixa entender é que o centro missionário do cristianismo transferiu o seu eixo de Jerusalém para Antioquia logo cedo. As causas disto não eram apenas a perseguição deflagrada aos conversos em Jerusalém e sua expulsão da cidade. Devemos lembrar a dificuldade de muitos hebreus convertidos em aceitar que pagãos pudessem receber o mesmo “Espírito de Deus” que eles receberam, e assim, estar em um mesmo status social e religioso; o que a nova corrente no seio do movimento cristão propunha era um igualitarismo radical entre os povos, onde judeu e qualquer outro gentio pudessem se tornar “Povo de Deus”.

Ao que parece, o Evangelho em Antioquia crescia não só entre judeus e gentios, mas também entre ricos e pobres. O próprio Barnabé era originário de família rica de Chipre. Quando sobreveio grande fome na região, durante o governo do imperador Cláudio, foi a comunidade de Antioquia que enviou suprimentos e sustentou os cristãos em Jerusalém. O texto lucano cita que os discípulos enviaram, “cada qual segundo suas possibilidades, uma ajuda aos irmãos que habitavam na Judeia”. Essa passagem mostra que a comunidade cristã em Antioquia tinha posses consideráveis, suficientes para sustentar seus irmãos na Judeia, mesmo em tempos de necessidade em sua própria cidade. Logo, o cristianismo antioqueno cresce em importância também pelo seu status econômico, que o torna potencializador dos empreendimentos missionários, os quais muitas vezes exigem posses para financiamento dos missionários e igrejas.

Logo, Antioquia se tornou o foco missionário mais frutífero, não só porque o movimento ali já começara com uma ótica igualitária e universalista, somado a atuação de uma liderança composta de evangelistas carismáticos (como Barnabé e Paulo), mas também pela funcionalidade de uma capital cosmopolita ligada com o resto do mundo e de uma comunidade cristã nascente com recursos e posses para financiar as possíveis campanhas missionárias e sustentar financeiramente a si própria bem como a outras comunidades. Como cita Schökel: “Antioquia, por seu pluralismo cultural e religioso, oferece um campo de operações mais oportuno para novas experiências. Gerada pela Igreja de Jerusalém, converte-se logo no grande centro de irradiação da Igreja” (SCHÖKEL, 1997, p.2656).

1754

A pregação em Antioquia e a nova mentalidade missionária

A expansão do Evangelho em Antioquia podia se tornar mais pungente exatamente pela nova mentalidade que os cristãos ali possuíam. Essa nova mentalidade refletia-se, inicialmente, no fato de a comunidade cristã antioquena aceitar a conversão de gentios, e de que estes possuíam o mesmo status de “irmãos” que os judeus convertidos ao Evangelho. Outro fator é que a comunidade acabou sendo composta de judeus helenizantes, em sua maioria, e ao longo do seu desenvolvimento, de cristãos gentios. Percebe-se que, desde o início, a problemática envolvendo a questão da salvação dos gentios foi resolvida no seio da comunidade cristã não só de Antioquia, mas também de Jerusalém – esta última, ainda que talvez não fosse tão numerosa ou rica quanto à de Antioquia, era considerada como a “cabeça” ou a fonte da autoridade final em termos de doutrina e direção do movimento cristão por conta de lá estarem reunidos os “Doze”, além de toda a representação simbólica daquela cidade na mentalidade judaico-cristã. De fato isto caracterizava um ambiente religioso

diferente daquele tradicional de Jerusalém. E logo isto foi sentido por uma facção de judeus mais tradicionais em Jerusalém.

No capítulo 15 do livro de Atos, Lucas narra que um grupo de cristãos provenientes da Judeia ensinava algo distinto da pregação do grupo liderado por Barnabé e Paulo: a necessidade de circuncisão para a Salvação. Este fato causou grande mal estar na comunidade antioquena, que como vimos, desde a inicial pregação de Felipe substituíra a circuncisão pelo batismo. Isto levou Barnabé e Paulo a descerem para Jerusalém no intuito de resolver esse conflito com a comunidade apostólica. Ao chegar lá outro grupo de fariseus convertidos se posicionaram contra os antioquenos. Logo, no intuito de resolver a situação, toda a liderança da comunidade cristã em Jerusalém – composta, segundo Lucas, da “igreja” dos apóstolos e presbíteros – se reuniu para resolver a questão; este episódio é conhecido como “Concílio Apostólico de Jerusalém”. Depois de receber os testemunhos de Paulo e Barnabé acerca dos milagres operados por Deus entre os gentios e também de ouvir novamente o testemunho de Pedro pelo qual Deus mostrara uma iniciativa espiritual na aceitação dos gentios, Tiago deu a palavra final sobre a questão: não “perturbar” aqueles que dentre os gentios se convertessem ao Evangelho obrigando-os a seguir as prescrições da Lei hebraica; porém, recomendava apenas que estes gentios salvos se abstivessem “das contaminações dos ídolos”, das “relações sexuais ilícitas” e da “carne de animais sufocados no sangue”. Isto porque, nas palavras anteriores do apóstolo Pedro em Atos 15:11: “Mas cremos que fomos salvos pela graça do Senhor Jesus, como também aqueles [os gentios] o foram”.

Logo, vemos a confirmação, ou ainda, a legitimação dada pela autoridade suprema do movimento cristão – a Igreja de Jerusalém e sua liderança, os apóstolos e presbíteros – à nova concepção do movimento cristão: a salvação apenas pela graça de Jesus Cristo, sem a intervenção ou observância da Lei judaica. Este fato representou o início teológico-prático da religião cristã, ou seja, o rompimento final com a antiga religião e uma nova teologia para o movimento: a Salvação pela Graça. E esta nova concepção, a salvação unicamente pela Graça de Cristo e não por obras ou pela Lei, é justamente o centro da teologia paulina. Como cita Gerd Theissen:

[...] com os pactos do Concílio dos Apóstolos, os primeiros grupos cristãos viram-se pressionados a desenvolver uma linguagem simbólica própria que fizesse justiça a todas as necessidades religiosas e pudesse ser partilhada por todos os membros, judeus e não-judeus. O Batismo devia tornar-se, pois, definitivamente, o rito de admissão, substituindo a circuncisão. A Eucaristia devia tornar-se inapelavelmente o rito de integração, em substituição às refeições sacrificiais da tradição. Era preciso desenvolver uma linguagem simbólica religiosa própria, ou seja, *uma religião própria*. [grifo nosso] (THEISSEN, 2009, p.230)

Contudo, devemos acrescentar que essa diferenciação entre judeus e judeus cristãos não foi algo imanente ao ambiente interno da religião judaica, pois esta diferenciação foi sentida externamente. Em Atos 11:26 Lucas narra que foi em Antioquia que os discípulos de Jesus foram chamados pela primeira vez de cristãos. Essa afirmação traz uma série de reflexões acerca da potencialidade e importância do movimento naquela cidade. Pela primeira vez, as pessoas percebem que aquele movimento não se trata de uma continuação da religião judaica e, menos ainda, de algo envolvido com as religiões tradicionais pagãs: algo novo surge, e isto é nomeado para tornar clara sua diferenciação dos demais. E ainda, essa nomeação não vem diretamente do judaísmo, mas dos pagãos, sobretudo entre os magistrados romanos. Isto porque, o verbo *chrematizein* - e sua designação correspondente *christianói* (cristãos) – é uma expressão latinizada, tirada da linguagem burocrática, formada dos adjetivos em latim que indicam os partidários de alguma pessoa, no caso, os partidários de Cristo (ou seguidores de Cristo) (EBNER, 2012, p.18). Isso nos mostra que a própria liderança romana da região admitia que aquele movimento era uma diferenciação religiosa das religiões tradicionais a que estavam acostumados. Isto tudo se deve à grande expansão do cristianismo entre os não-judeus, às novas práticas e novos símbolos introduzidos pelos “cristãos” em suas reuniões e pregações e à perseguição do judaísmo local, que mostrava que aquele grupo não era bem-vindo, antes era uma ameaça à sua religião tradicional. Assim, sob “a designação de “cristãos”, o grupo dos seguidores de Jesus, juntamente aos adeptos que conseguiram, foram, pela primeira vez, caracterizados como fração autônoma, fora da rede de sinagogas.” (EBNER, 2012, p.18).

Logo, percebe-se que no movimento dos seguidores de Cristo em Antioquia surge algo novo, transformando aquele ambiente religioso. Tais seguidores de Jesus não ficam presos à religião antiga – ainda que se possa observar em Paulo e nos evangelhos uma exaustiva tentativa de perceber-se, ou antes, passar a imagem de simples “cumpridores” da Lei –, mas dão um passo à frente, inaugurando um novo paradigma religioso, de símbolos e ritos próprios, com uma práxis, uma teologia, com líderes específicos e mais tarde um Cânon, que juntaria a velha Lei aos ditos de Jesus.

Paulo, Antioquia e sua contribuição para a formação da Religião Cristã

Nossos mais autorizados manuais de teologia, história da Igreja e história da Teologia Cristã do Ocidente são categóricos em afirmar a grande influência que o apóstolo Paulo de Tarso teve sobre a criação do que chamamos de teologia cristã. Um terço dos escritos neotestamentários foram obra sua ou de cartas anônimas escritas por seus discípulos diretos.

Mas se não for contado por títulos, e sim pela quantidade e densidade dos textos (número de capítulos e versículos) conclui-se que Paulo e sua escola compuseram mais da metade do Novo Testamento. Porém, ainda, através de uma análise pelo ponto de vista das ideias e debates teológicos, orientações pastorais, missionárias, eclesiológicas e éticas – ou seja, tudo o que forma uma instituição teológica – Paulo é responsável pela base de todas as teologias cristãs das igrejas do Ocidente e do Oriente. As igrejas que representam os grandes centros de expansão cristã da Antiguidade – os patriarcados de Antioquia, Alexandria, Roma, Constantinopla, Jerusalém, bem como os centros de produção intelectual cristã na Pérsia e Índia – aceitaram desde o início todas as cartas paulinas e formaram uma base teológica e eclesiológica comum; essa base, ou ainda, essa unidade entre elas, só seria rompida com o desenvolver teológico dos séculos IV e V levando aos primeiros concílios ecumênicos que exacerbaram as diferenças e causaram todo o tipo de violência ideológica, fraturas e rompimentos entre boa parte dessas igrejas. Isto fez com que alguns dos grandes centros de referência intelectual cristã fossem “expulsos” do eixo teológico “oficial” – aquele ligado à liderança do Império Romano, a esta altura já cristão, mas ainda conservando os aspectos básicos da fé cristã, como o Cânon ou a doutrina da Salvação pela graça de Deus através da fé.

1757

Sobretudo, percebe-se que o envolvimento do apóstolo Paulo com a igreja de Jerusalém foi parco e conflituoso. Do início de sua conversão até o final de sua vida na Europa (cerca de 30 anos aproximadamente) o grosso de sua caminhada intelectual cristã baseou-se nas experiências, ensinamentos e pessoas que teve contato em Antioquia. A “Escola da Graça” - ou seja, a referência teológica desenvolvida e aprofundada por ele, que coloca a dependência da Salvação fora da condição humana, fora das instituições, práticas e costumes judaicos, fora da própria Lei, e ainda, fora de qualquer atitude, obra ou prática religiosa humana e sim na exclusiva presciência divina através da Graça que atinge o homem através de sua fé – surge e dá o seu impulso em Antioquia, como analisou-se aqui. Gerd Theissen afirma que a “[...] teologia paulina faz parte da crise judaística. Ela forneceu à separação do judaísmo uma fundamentação teológica – e, mais precisamente, na doutrina da justificação e na crítica à lei mosaica” (THEISSEN, 2009, p.286). Ou seja, em Paulo - que nada mais é do que um representante brilhante do movimento cristão antioqueno - vemos um rompimento teológico, ou antes, uma divisão teológica entre o que os judeus criam e no que os seguidores de Jesus creem e interpretam da Torá. E será essa nova “doutrina” ou ainda, essa nova religião – ainda que, possivelmente, não houvesse a tentativa consciente de criar uma – que irá se difundir rapidamente por todo o mundo.

Outro fator a se considerar acerca da importância de Antioquia e de Paulo na formação e expansão da religião cristã está na extensa atividade missionária realizada por este. Assim, Antioquia havia se tornado, desde cedo, uma região central para a expansão cristã. Isso pode ser observado nas narrativas iniciais de Lucas, acerca do movimento missionário inicial, onde observa-se que Antioquia era o ponto de partida e de encontro de missionários e profetas itinerantes. O cristianismo antioqueno era poroso e dialogava muito bem com a comunidade de Jerusalém, visto que a mesma Jerusalém foi uma das principais responsáveis pela sua consolidação. O envio de profetas e mestres de Jerusalém para Antioquia demonstrava a importância que esta primeira dava para o cristianismo ali, percebendo toda sua potencialidade. Isto a colocava como espaço de diálogo cristão universal, e assim, como centro irradiador do cristianismo às nações por excelência. No entanto, com o passar dos anos e os desgastes causados pelos judeus cristãos pró-circuncisão em Jerusalém, o contato entre as duas pode ter se esfriado ou desgastado. Antioquia irá construir uma liderança e senso de missão próprios. Criará suas próprias diretrizes e necessidades missionárias, a partir das demandas e solicitações das comunidades cristãs plantadas pelos próprios evangelistas de lá. Paulo e Barnabé se tornarão os principais líderes e dirigentes deste movimento missionário. Irão evangelizar e integrar ao cristianismo antioqueno grandes nomes de líderes que serão profundamente importantes para a expansão e consolidação do cristianismo no século I, tais como João Marcos (parente de Barnabé), Lucas, Apolo, Áquila e Priscila, dentre outros. E estes evangelistas fazem de Antioquia sua base missionária. Quando observamos as “três grandes” viagens missionárias de Paulo, narradas em Atos, todas elas partem de Antioquia e para lá se dá o regresso. E é exatamente esta variação do movimento de Jesus, marcada pelo universalismo do aspecto salvífico e da integração de todos os povos, com símbolos, costumes e ritos de iniciação próprios é que irão alcançar o Ocidente todo, tendo com Paulo seu mais brilhante líder e executor. É a teologia paulina que alcançará as igrejas da Ásia Menor e da Europa (Grécia, Macedônia, Roma e Espanha). Como cita Tenney: “Ainda que o movimento de Antioquia não tenha sido o primeiro de seu gênero, foi o primeiro a afetar o Império como um todo” (TENNEY, 2012, p.241).

Porém, não podemos compreender a completude ou o real alcance das missões antioquenas no mundo do século primeiro, pois o principal relato que chega até nós, feito por Lucas, baseia-se, quase que completamente, na vida e atuação de Paulo, pois este era seu companheiro de viagem e auxiliador. Pouco se sabe da expansão para o Oriente, ou ainda da expansão para Alexandria (cidade de origem de Apolo) ou ainda de outras regiões do norte da África, como Cirene (de onde veio alguns dos missionários e profetas das narrativas lucanas).

E o foco principal de Paulo estava em evangelizar as duas regiões que representavam toda a cultura, política, sociedade e domínio intelectual do Império: Grécia e Roma.

Pode-se dizer que é Paulo, ou ainda, o cristianismo antioqueno, que representam ou tomam para si o real ou presente sentido do conceito de “missão”. Isto porque a primeira geração de evangelistas, gerados por Jesus, foram enviados “à casa de Israel” ou quando muito “às ovelhas perdidas” (provavelmente em uma referência aos judeus da dispersão). Já os Doze se empenham a isto, pregando o Evangelho em Jerusalém e na Judeia, mas sem avançar muito – ao menos na primeira década – para fora do ambiente de domínio religioso judaico. É a partir do grupo dos Sete que a mensagem de Jesus vai alcançar povos diferentes, mas ainda assim com o foco nos judeus da dispersão. Como cita Ebner: “Se entendermos como “missão” a intencional propagação de uma religião entre os seres humanos que ainda não são adeptos dessa mesma religião, então somente a missão paulina pode ser incluída nessa definição” (EBNER, 2012, p.27).

Paulo, impregnado de sua experiência de evangelização, conversão e integração de gentios na nova comunidade, irá espalhar para dois continentes a mensagem da fé sem distinção étnica, ou de gênero ou sequer distinções sociais de pessoas. Pode-se considerar como resumo da “universalidade” dessa teologia paulina, o texto de Gálatas 3:26-28, que diz:

Pois todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus. Porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo. Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.

Essa passagem mostra uma revolução religiosa naquele ambiente judaico, mas também no helenístico. E para tal inserção bastava-se a fé em Cristo e o batismo. Isto diferia da religião judaica, pois pregava uma salvação étnica do povo descendente de Abraão, ainda que alguns dos seus ramos de pensamento aceitassem a salvação dos demais povos mediante conversão (porém não tornando tão claro se esse gentio seria integrado com status de igualdade); esta visão também diferia das religiões de mistério em todo o império romano, pois tais religiões de forma alguma colocavam a mulher em status de igualdade com o homem, e muito menos o escravo em igualdade com o livre. Logo, há em Paulo e no cristianismo da comunidade antioquena um igualitarismo universal, mediante simples ritos iniciatórios – batismo e Ceia – e assim uma “revolução” no aspecto religioso criando-se a base da religião cristã – um conjunto de crenças, dogmas e ritos que têm por base a fé em Jesus Cristo e a aceitação igualitária e universal dos povos que queiram praticá-la.

O ambiente misto de Antioquia, formado por gregos, judeus, orientais, romanos, entre outros, somando-se à atividade de judeus helenistas, um tanto desligados e decepcionados com o judaísmo tradicional, contribuiu para que os seguidores de Jesus daquela cidade entendessem a necessidade de todos os povos ouvirem a mensagem do Evangelho (GIANASTACIO, 2006, p.64). Talvez seja graças a esta visão da comunidade antioquena, a qual irá contagiar a liderança cristã hebraica em Jerusalém (pois a mesma vai aprovar, reiterar e consolidar isto através do Primeiro Concílio Apostólico), que o cristianismo tenha se expandido tão rápido em todo o mundo no primeiro século e, com esta visão de um “evangelho para todos” somado ao senso de urgência missionária (pois Jesus Cristo poderia voltar a qualquer momento), o paradigma missionário antioqueno (representado nos escritos paulinos) tenha obtido êxito e alcançado todo o Império Romano, e mais tarde, o mundo.

Em Antioquia os primeiros não judeus começam a serem perseguidos por não praticarem os costumes e rituais judaicos mesmo se considerando irmãos e parte do “corpo de Israel”. Isto trouxe um mal estar nas igrejas entre Jerusalém e Antioquia, que levou a liderança apostólica a tomar uma atitude condescendente aos cristãos antioquenos e extensível a todo mundo. Essa atitude, de permitir que os conversos gentios não praticassem a religião e costumes judaicos, levou a uma revolução no antigo “movimento de Jesus” tornando-o efetivamente extensível a todos os povos e agora, totalmente independente da religião do próprio Jesus, o judaísmo. Uma nova religião surgira, ligada ao passado judaico pelo Antigo Testamento, mas desligada de seu presente e de suas instituições, assim como desligada de todas as religiões pagãs a sua volta – paradoxal e exatamente por causa de sua herança veterotestamentária – é agora consolidada por um novo corpo de doutrina, teologia, práxis, e “modus vivendi” produzida exatamente por Paulo e seus companheiros antioquenos.

1760

Conclusão

Assim, Antioquia não é somente o principal centro de expansão cristã da primeira metade do século I, mas também local formador por excelência da própria religião cristã, pois é ali que através da pregação e dos milagres e experiências extáticas observadas num ambiente formado por cristãos oriundos das camadas judaico-helenistas e dentre os gentios, é que o movimento cristão irá se desligar das antigas heranças judaicas, ou seja, da antiga religião, e criar algo novo. É ali que o maior formador da religião cristã, o apóstolo Paulo, irá iniciar e expandir seu ministério e teologia. É para lá que convergem os evangelistas nas suas idas e vindas por todo o mundo, bem como os profetas e mestres, os formadores de opinião e legitimadores da nova fé. Não é a toa ser o primeiro lugar, que temos notícia, dos seguidores

do movimento iniciado por Jesus serem chamados por um nome específico, que os dava distinção dentre os judeus e dentre os gentios: o nome de cristãos. Nossa história cristã ocidental carece profundamente de informações sobre o cristianismo no Oriente. E isto parece ser contraditório, pois a religião cristã, assim como Jesus, seus apóstolos, os livros escritos no Novo Testamento e os personagens que participaram de sua formação, todos são orientais. O cristianismo é uma religião vinda do Oriente, e como tal, precisa assim ser redescoberta por nós aqui no Ocidente. Logo, faz-se necessário ampliar os estudos sobre esta cidade e o núcleo de cristãos que ali existia, bem como acerca dos vestígios arqueológicos deixados pelas comunidades cristãs ali residentes, no intuito de resgatar este espaço da memória cristã em sua completude.

BIBLIOGRAFIA

- CAIRNS, E. E. *O cristianismo através dos séculos*. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- DREHER, Martin N. *História do povo de Jesus: uma leitura latino-americana*. São Leopoldo: Sinodal, 2013.
- EBNER, Martin. *Dos primórdios até a metade do século II*. In: KAUFMANN, T; et alli (org). *História Ecumênica da Igreja*. Dos primórdios até a Idade Média. São Paulo: Paulus; São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Loyola, 2012.
- ELIADE, M. *História das crenças e das ideias religiosas. V. 2: de Gautama Buda ao triunfo do cristianismo*. Rio e Janeiro, 2011.
- GIANASTACIO, Vanderlei. *Uma Igreja que faz e acontece: responsabilidade social, cidadania e serviço à luz do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2006.
- GONZÁLEZ, J. L. *História ilustrada do cristianismo*. A era dos mártires até a era dos sonhos frustrados. 2. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- IRVIN, D.; SUNQUIST, S. *História do movimento cristão mundial: do cristianismo primitivo a 1453*. Vol. 1. São Paulo: Paulus, 2004.
- KAUFMANN, T; et alli (org). *História Ecumênica da Igreja*. Dos primórdios até a Idade Média. São Paulo: Paulus; São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Loyola, 2012.
- SCHÖKEL, L. A. In: *Bíblia do Peregrino*. Edição de estudo. São Paulo: Paulus, 1997.
- TENNEY, M. C. *Tempos do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.
- THEISSEN, Gerd. *A religião dos primeiros cristãos: uma teoria do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- THOMPSON, F. C. *Bíblia de referência Thompson*. Compilado e redigido por Frank Charles Thompson; tradução João Ferreira de Almeida. São Paulo: Editora Vida, 2007.